

MARIA FIRMINA DOS REIS: A INFLUÊNCIA DA MULHER NEGRA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Ieda Mirley França Araujo¹

Prof.^a. Ms. Priscilla de Oliveira Silva²

RESUMO

A presente pesquisa, que tem como título MARIA FIRMINA DOS REIS: A INFLUÊNCIA DA MULHER NEGRA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA, objetiva analisar a historicidade das mulheres negras dentro da literatura, em especial Maria Firmina dos Reis que, com sua coragem e ousadia, abriu um leque de informações sobre o regime escravocrata no qual viveu, escrevendo dentro de suas possibilidades diante do patriarcado machista. Este estudo se justifica pela necessidade de compreender os acontecimentos históricos que marcaram a vida de muitas mulheres. Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento e estruturação do estudo estão sustentados no desenvolvimento das pesquisas exploratória, descritiva e explicativa e pesquisa bibliográfica de autores, como (HOOKS,2020); (RIBEIRO,2016) e (ZIN,2016), que se sensibilizaram ao ver a luta das mulheres, dos tempos remotos à contemporaneidade. Conclui-se que foi através da literatura que muitas mulheres conseguiram seu lugar de fala, que foi a partir da leitura que seus pensamentos foram se transformando, tornando-se pessoas críticas e prontas para mostrar ao mundo seu lugar de participantes ativas da história social.

Palavra- Chave: Maria Firmina dos Reis. Literatura Afro-brasileira. Feminismo.

ABSTRACT

This research, entitled MARIA FIRMINA DOS REIS: THE INFLUENCE OF BLACK WOMEN IN AFRO-BRAZILIAN LITERATURE, aims to analyze the historicity of black women within literature, especially Maria Firmina dos Reis who, with her courage and daring, opened a range of information about the slavery regime in which he lived, writing within his possibilities in the face of the macho patriarchy. This study is justified by the need to understand the historical events that marked the lives of many women. The methodological procedures used for the development and structuring of the study are supported by the development of exploratory, descriptive and explanatory research and bibliographical research by authors, such as (HOOKS,2020); (RIBEIRO, 2016) and (ZIN, 2016), who were sensitized to see the struggle of women, from remote times to contemporaneity. It is concluded that it was through literature that many women got their place to speak, which was through reading that their thoughts were transformed, becoming critical people ready to show the world their place as active participants in social history.

Key-words: Maria Firmina dos Reis. Afro-Brazilian literature. feminism.

¹ Aluno do curso interdisciplinar de Licenciatura em Ciências Humanas com Habilitação em História do Centro Universitário de Pinheiro da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

² Professor-orientador do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas do Centro Universitário de Pinheiro da Universidade Federal do Maranhão- UFMA

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo as mulheres tiveram seus papéis sociais mantidos dentro dos padrões dos antepassados. A mudança nesse cenário deve-se a uma conquista que aconteceu de forma gradativa ao longo dos anos, mas que mostra toda a resistência de que essas bravas mulheres se serviram, transformando-se em grandes inspirações para outras escritoras, entre elas Maria Firmina dos Reis. Mulher negra, filha de uma escrava forra, de nome Leonor Fellippa dos Reis, e de um pai escravo, cujo nome não se sabe ao certo, essa romancista do século XIX, à época em que viveu, manteve seus olhos e ouvidos bem atentos e, movida pela indignação, não se conteve diante de tudo que acontecia no período escravocrata.

Um dos grandes questionamentos de Reis era compreender como expor sua opinião diante de uma sociedade patriarcal e racista, em que só os homens brancos tinham voz, enquanto delegava-se à mulher os cuidados com os fazeres domésticos e os filhos. A mulher, durante muito tempo, foi impedida de realizar qualquer tipo de manifestação pública, e isso mudou a partir do momento em que Reis começou a se destacar na então sociedade em que vivia, que via isso como um ato inconcebível advindo de uma figura feminina, solteira e negra.

Importa, nesse entremeio, discorrer acerca da mulher negra na literatura brasileira, em especial Maria Firmina dos Reis, que foi alvo de críticas ferrenhas feitas pela própria sociedade e até mesmo por mulheres, pois nem todas possuíam e queriam ter a oportunidade de ter sua voz ouvida dentro da sociedade, por medo de serem taxadas, sofrerem punições ou serem abandonadas pelos maridos. No período em que se posicionou com sua voz de fala, Reis não teve o apoio do público feminino, uma vez que o conhecimento perdia espaço para o conformismo e alienação, que eram visíveis.

Este estudo tem como objetivo principal discutir a atuação da mulher negra no campo literário no século XIX, especialmente Maria Firmina Dos Reis, com suas grandes atuações na imprensa literária, entendendo o propósito de fazer com que as mulheres tivessem sua voz ouvida e pudessem usá-la como uma arma dentro da literatura. Buscou-se, também, mostrar as consequências de ser uma mulher intelectual em um período escravocrata, conhecendo as conquistas de mulheres que romperam com o silêncio para ter sua voz auscultada.

A necessidade do estudo aqui proposto é investigar a historicidade que ocorreu no século XIX com as mulheres e como isso acabou impulsionando Maria Firmina dos Reis, além da sua relevância e aproveitamento nos âmbitos social, acadêmico e pessoal. No âmbito social, este estudo justifica-se pela necessidade de compreender a história das mulheres dentro da própria História, a partir de estudos bibliográficos e recortes históricos.

No âmbito acadêmico, a relevância está na proporção em que a universidade, através de seu compromisso social, incentiva e divulga resultados e pesquisas sobre a influência que Maria Firmina dos Reis, enquanto mulher negra, exerceu na literatura, a fim de cooperar nos debates sobre o processo pelo qual as mulheres, dentro da história, passaram para serem ouvidas. Justifica-se, ainda, que o reconhecimento de Maria Firmina dos Reis é escasso, havendo a necessidade de conhecer, com mais devoção, a vida dessa autora maranhense, que deixou um legado respeitável para as próximas gerações.

Sendo um marco histórico, tanto por se situar no período oitocentista quanto por ser uma mulher maranhense, Reis precisa ser estudada e celebrada, também, dentro das escolas, acima de tudo as do Maranhão. Busca-se mostrar, neste trabalho, que, assim como em outros estados, há, em terras maranhenses, uma aguerrida mulher que violou os paradigmas coagidos pela sociedade para entrar na seara literária com valentia, devendo, desse modo, ser reconhecida e valorizada por, entre tantos motivos, ter impelido várias outras mulheres a se exporem através da literatura, em busca do seu lugar de fala.

Logo, esta pesquisa foi dividida em quatro tópicos: a introdução, apresentando o tema principal da pesquisa para o leitor, tratando sua relevância e descrevendo os objetivos. O segundo dedicou-se ao referencial teórico, citando autores que falam sobre a mulher negra na literatura, enquanto o terceiro traçou a história das mulheres dentro da sociedade no século XIX. O quarto se ocupou com os avanços das mulheres no século XIX, trazendo um breve resumo na educação, imprensa, literatura e política. O quinto mencionou a busca ininterrupta por um lugar de fala dentro da sociedade, e o sexto destacou Maria Firmina dos Reis e o uso do pseudônimo no século XIX. No fim, consta a conclusão.

2 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Esta pesquisa construiu um desenvolvimento explicativo, descritivo sobre a vida e obra de Maria Firmina dos Reis, que viveu há cento e cinquenta anos atrás. Segundo, (GIL,2002) a “pesquisa explicativa e descritiva pode ter ligação, pois identifica os fatores exigindo que ambos estejam o suficiente descritivo e detalhado”. Abordar-se-á, aqui, sobre a bibliografia da escritora em questão e como foi sua vida até a construção de seu repertório literário, o reconhecimento de sua obra pelo escritor Horácio de Almeida e as mudanças que ocorreram em sua vida na sua trajetória como literária e romancista.

Reis foi registrada como filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis. Negra e bastarda, Firmina é prima do escritor maranhense Sotero dos Reis por parte de mãe. Em 1830, mudou-se com a família para a Vila de São José de Guimarães, no continente, município de Viamão, vivendo parte de sua vida na casa de uma tia. Morais Nascimento filho também contribuiu para que sua obra fosse conhecida, ao escrever um livro retratando a vida dessa escritora. Reis nasceu na Ilha de São Luís, MA, em 11 de março de 1822. Frisa-se que, através de novas pesquisas e documentos encontrados, descobriu-se que sua data de nascimento foi alterada.

Portanto, o método utilizado para a pesquisa, a fim de avançar no entendimento sobre quem foi Maria Firmina dos Reis, será a pesquisa bibliográfica, fundamentada em obras de autores que se doaram para fazer com que sua obra fosse devidamente prestigiada. Além disso, será analisada a própria fala da autora em seus livros.

3 ROMPENDO PARADIGMAS

Qual a dificuldade do negro na literatura? Os domínios político e econômico também se refletiam no domínio cultural, incluindo a literatura.

“O negro sofria pela cor por todo o contexto de vida e quando tinha acritica sobre os padrões de escrever, na metrópole e por esse viés valorizava ou desqualificava as obras” (BENEDITO, VERA LÚCIA,2010).

Maria Firmina sabia muito bem o lugar que ocupava dentro da sociedade, uma vez que foi criada entre uma ligação com a riqueza e a pobreza. Reis, mesmo tendo consciência do “indiferentismo glacial de uns e do riso mofador de outros”, não deixou isso lhe intimidar “ainda assim o dou a lume” (REIS,2018, p.25). Em meios a esses

paradigmas, entende-se, pois, a seguinte frase de Maya Angelou: “Eu tinha quinze anos quando descobri ‘eu sei porque o pássaro canta na gaiola’ foi uma revelação”. (Angelou Maya, pág. 35. 2018).

Descobrir por que o pássaro canta na gaiola é entender que o negro, mesmo estando preso em um sistema patriarcal, insuflado de preconceito racista, econômico e cultural, ainda tem forças para lutar por seu direito e voz dentro da sociedade. Visto que cada momento histórico possui um laço do passado no presente, observa-se que o preconceito e as lutas de classes ainda seguem presentes no Brasil.

Em 1880, Reis tomou a iniciativa de fundar uma escola gratuita e mista, isto é, que atendia meninos e meninas, representando um salto jamais visto para a época. A autora e professora não segregou seus alunos em razão da cor da pele, o que fez da inauguração um escândalo no povoado de Maçarico, no Maranhão, levando ao fechamento da instituição em menos de três anos. Maria Firmina foi um divisor de águas na literatura brasileira, pois abriu espaço para outros nomes, como Carolina Maria de Jesus² e Conceição de Evaristo³, que são renomadas escritoras brasileiras, apesar do preconceito que as perseguia por serem mulheres, negras e pobres.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito, é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo. (EVARISTO, 2016.p.7).

O caminho em busca de maior espaço no campo literário pelas mulheres é parte do esforço da luta feminista por voz (VASCONCELOS, 2014). Lajolo e Zilberman (1999) lembram do quanto era precária a educação das mulheres no Brasil ao longo dos tempos, em que a maioria delas não era alfabetizada e as que conseguiam aprender a ler possuíam acesso limitado a livros. Ao escrever seus livros de romance, Maria Firmina dos Reis usava o pseudônimo “*uma mulher maranhense*”, que era bastante comum entre as mulheres e permitia que elas se escondessem para não sofrer ataques sociais. Reis, que já tinha um ponto de vista de como seu livro seria encarado

² Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma autora brasileira, considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras do País. Ela é autora do livro best seller autobiográfico “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”.

³ Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma linguista e escritora brasileira. Foi também pesquisadora-docente universitária. É uma das mais influentes literatas do movimento pós-modernista no Brasil, escrevendo nos gêneros da poesia, romance, conto e ensaio. Como pesquisadora-docente, seus trabalhos focavam na literatura comparada.

por alguns leitores, dizia: *mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor.* (REIS, p,1).

Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso de mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. [...] Sei que pouco vale este romance, porque escrito por em mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conservação dos homens ilustrados, que acolham, que discutem e que corrigem, como uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS,2018. p. 25).

Em seu livro, o romance “Úrsula”, Maria Firmina mostra ao leitor que, embora não dispusesse de todos os aparatos de que um homem escritor se servia para analisar seu livro, suas experiências e estudo oportunizaram que ela, à sua maneira, expusesse sua vontade e opinião próprias sobre a escravidão na literatura.

Reis foi “uma intelectual libertaria, uma ativista das causas dos oprimidos, cuja militância ante escravocrata é, até hoje, reconhecida oficialmente como panteão formal no panteão dos abolicionistas ingleses”. (WOLLSTONECRAFT,1792. p.69). Não é necessário ir tão longe para refletir sobre como foi a trajetória das bravas mulheres negras, em especial no Brasil durante os quatro primeiros séculos, em que os escritores ficavam à revelia, desprovidos de qualquer tipo de ajuda.

O século XIX marca o período da nacionalidade brasileira, com a Independência, a Abolição e a República. A crítica literária brasileira não podia ficar à margem do processo pois fazia e faz parte do conjunto das relações sociais. (BENEDITO, 2018.p.15)

Abordar-se-á, dentro da literatura negra temáticas sobre os amores, a vida social, a escravidão, amores, o Romantismo, o bom selvagem, e relatos sobre a própria escravidão vivida por muito daquela época, escrever no século XIX, não era algo muito fácil, pois o analfabetismo no Brasil ainda estava latente a escrita era para poucos, que teriam ousadia o suficiente para expor-se perante a sociedade. A literatura chegava como uma reflexão de tudo que estava acontecendo, a opressão e discriminação racial.

No Brasil os estrangeiros foram os primeiros a fazer estudos sobre o negro com o enfoque dentro da literatura brasileira, com temas simples apenas trazendo elementos rítmicos, africano, origem. A literatura feita por homens brancos mostra a distância do sujeito com o objeto, a subjetividade do branco para com o negro, mostrando que o negro precisa ser estudo por quem está superior a ele.

Percebe-se que a identidade do negro estava sendo proibida por indivíduos que se achavam superior, desta mesma forma as mulheres tiveram suas identidades proibidas de pôr uma sociedade machista e egoísta, trazendo para dentro seus lares

o analfabetismo, e impondo os serviços domésticos como o futuro das mulheres e sua identidade era marcada como dona do lar somente. Em relação as mulheres negras eram vistas apenas para o sexismo.

Mas com a modernização chegando ao Brasil, a família real trouxe consigo as influencias literárias, que deram avanços significativos iniciando assim o rompimento de paradigmas, dando de forma indireta a chance da mulher pensar de forma critica. Ampliar seus conhecimentos, pois só a leitura pode fazer com que seres pensantes mudem o quadro de opressão e discriminação do poder patriarcal juntamente com a alienação de pensamentos.

4 A história da mulher negra dentro da sociedade no século XIX.

As mulheres negras carregam dentro de si um fardo de muito sofrimento, torturas para chegar aos dias de hoje, opressões e discriminação superadas com força, coragem e resistência. No século XIX, as mulheres africanas foram transportadas junto com homens em navios negreiros, nos quais elas experimentaram os piores tipos de agressão. Enquanto os homens viajavam presos, as mulheres andavam soltas pelos corredores, já que os homens brancos escravizadores não as viam como uma ameaça em potencial.

Por andarem com certa liberdade, essas mulheres eram alvos fáceis de estupros, torturas com ferro quente, tinham suas roupas arrancadas e, quando choravam, eram açoitadas gravemente com um chicote chamado de “gato de nove caudas”, tendo golpeadas todas as partes do seu corpo. Um casal africano que infelizmente presenciou inúmeras cenas de tortura descreveu-as da seguinte forma:

Ruth e Jacob Weldon, um casal africano que viveu os horrores da rota da escravidão, viu “mães com bebês no peito maldosamente marcadas e cicatrizadas, [...] Depois de serem marcados, todos os escravizados ficavam sem qualquer peça de roupa. (HOOKS, 2020. p. 41)

A nudez de homens e mulheres negros mostra uma criatura inferiorizada. A mulher negra era vista como um sexo frágil e rebaixado, e o estupro apontava que a sua utilidade não ia além de servir como um objeto de sexo e procriação, para nascerem novas mãos de obras e, assim, aumentar os lucros com vendas e exportações. Bell Hooks traz em seu livro o relato de um estudioso em comércios de escravos, afirma

“Roberty Shufeldt, naquela época, várias negras chegavam, a nossos litorais já engravidadas por alguém da tripulação demoníaca que a trouxe para cá”.

Várias mulheres africanas estavam grávidas antes de serem capturadas ou compradas. Eram forçadas a passar pela gravidez sem qualquer cuidado com a alimentação, sem qualquer exercício físico e sem qualquer assistência no momento do parto. (HOOKS, 2020. p. 41).

Na história das intelectuais do século XIX, há uma intelectual em destaque e que foi muito importante na educação: Nísia Floresta⁴ (1810-1885). Ela foi uma exímia defensora da educação das mulheres e precursora sobre como uma visão de autonomia feminina poderia vir do conhecimento. Por ter viajado por muitos lugares, Nísia participou de muitos debates. Graziela Reinaldi da Rosa faz uma proximidade entre a autora supracitada e a filosofia Comte, segundo a qual:

O sistema de Educação Universal de Auguste Comte queria uma educação integral, orgânica, universal e formativa, para humanizar e uniformizar a sociedade, efetivando a filosofia positiva. Assim como Floresta pensou, que a educação moral iria contribuir para formar cidadãos com bons hábitos higiênicos e com boa aparência. Com relação as aproximações entre ambos, destacamos que a mulher tinha uma função normativa, pois ela iria manter a ordem e seria responsável por outras pessoas [...]. (ROSA, 2012, p.39).

Tratava-se de um posicionamento diferente do que se pregava no seu período, pois, no território brasileiro, havia uma desorganização no âmbito educacional, herança do período colonial que, por sua vez, ainda lidava com a implantação do catolicismo dogmático na educação. Mas a intelectual Nísia Floresta conseguiu romper diversas barreiras, deixando um inestimável legado de contribuição para a formação da educação da mulher. Nessa fase, a submissão das mulheres com seus maridos ainda estava latente, juntamente com a escravidão negra.

A constatação de que a literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX, contribuiu para ampliar a investigação. Quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, imediatamente se apoderaram da leitura. (DUARTE, 2017.p.14)

Na imprensa brasileira, durante a primeira metade do século XIX, surgiram alguns jornais dedicados às mulheres, como *Espelho Diamantino* (Rio de Janeiro,

⁴ Dionísia Gonsalves Pinto nasceu em 1810, em Papari (RN). SEGUNDO A historiadora da literatura, Constância Duarte, Dionísia teria publicado, em 1832, um tradução livre da obra de Mary Wollstonecraft, já sob o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Em 1833 mudou-se com seu companheiro e dois filhos para Porto Alegre (RS), onde começou a atuar como professora de meninas. Após a morte de seu esposo, Nísia dependeu exclusivamente de seu ofício como educadora para a manter a família. Viveu ainda no Rio de Janeiro, em Paris e em outras cidades europeias. Faleceu na França, em 885. Em sua homenagem, a localidade de Papari teve seu nome alterado para Nísia Floresta.

1827), *Espelho das Brasileiras* (Recife, 1831) e *A Fluminense Exaltada* (Rio de Janeiro, 1832), por exemplo, que foram, todos eles, digeridos por homens. Entretanto os avanços do feminismo no país, que foram paulatinos, mostraram algum sinal de consolidação em 1832, no Rio de Janeiro, quando houve o surgimento do primeiro jornal dirigido por uma mulher, “*Jornal das Senhoras*”, de Joana Paulo Manso de Noronha, argentina que residia no estado carioca e que devotava, em seus jornais, artigos de modas, literatura, política, artes, entre outros textos.

Dentro da política não foi diferente, visto que as mulheres lutaram incansavelmente para ter seu espaço, principalmente nas últimas décadas, em que o mundo foi palco de grandes experiências, muitas delas inovadoras por ressignificarem o rumo desse público, até então reduzido à invisibilidade. Contudo, com a modernidade e outros acontecimentos, a mulher, aos poucos, conseguiu ocupar outras instâncias que batiam à sua porta, havendo, de um lado, alguns países evoluindo aceleradamente e, do outro, nações atrasadas.

A ativista Ângela Davis⁵, que lutou incessantemente pelos direitos civis das mulheres, entrou no enfrentamento à desigualdade social, feminismo, antirracismo e lutas de classes. Ângela foi candidata a vice-presidente da República em 1980 e, em 1984, integrou o grupo “Panteras Negras” e o Partido Comunista dos Estados Unidos. Por ser escritora, através da literatura ela conseguiu difundir seu posicionamento sobre as questões que afligiam a sociedade, sendo lida por muitas pessoas.

Angela Ywonne Davis é uma mulher à frente de seu tempo. É dizer isso não é afirmar que ela esteja desatenta às questões que afetam a sociedade em seu momento histórico; ao contrário, significa apontar o potencial revolucionário de seu pensamento que nos inspira a pensar além e a sair do lugar-comum. (RIBEIRO, 2016.p.19)

Ângela traz, em seus livros, a realidade nua e crua a respeito de como as mulheres eram tratadas desde século XIX até o XX. Foi presa na década de 1970 e ficou mundialmente conhecida pela mobilização a Campanha “Libertem Angela Davis” (DJamila Ribeiro). Davis traz inquirições necessárias para que não haja um conformismo, pois ele pode nos derrubar. (DAVIS, 2016.p.21)

5 EM BUSCA DE UM LUGAR DE FALA DENTRO DA SOCIEDADE

⁵ Angela Yvonne Davis (Birmingham, de 26 de janeiro de 1944) professora e filósofa socialista estadunidense. Ganhou notoriedade na década de 1970 como integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos, do Panteras Negra Angela Devis se candidatou a vice- presidência dos Estados Unidos em 1980 e 1984 como companheira de chapa de Gus Hall.

As lutas por um lugar de fala das mulheres repercutiram em todo o universo, logrando significativas conquistas, entre elas o direito de ter sua voz ouvida pela Constituição Federal. A ousadia e a modernização encorajaram-nas para irem em busca de mais e, ao reivindicarem seus direitos na política, organizou-se um movimento orquestrado por mulheres, cujo nome era **“Lobby do Batom”**.⁶

Desde então, o CNDM percorreu o país para ouvir as mulheres brasileiras e ampliou os canais de comunicação entre o movimento social e os mecanismos de decisão política, buscando fontes de inspiração para a nova legalidade que se quer agora, CONSTITUENTE PRA VALER TEM QUE TER PALAVRA DE MULHER. (Carta de Mulheres, 1986.p.1)

Embora o aumento da participação das mulheres seja recente, foi necessário empreender algumas mudanças na Constituição Federal. Em 1988, nasce o **“Lobby do Batom”** e, com ele, muitas garantias de inclusão social foram atingidas para esse público. Esse movimento, que trouxe mudanças revolucionárias na Carta Magna, foi fruto de uma articulação feminina na Assembleia Constituinte de/1987/88, com um grupo composto por professoras, médicas e jornalistas, além de outros profissionais do sexo feminino.

Na cerimônia de posse da Assembleia Nacional Constituinte, no dia 1º de fevereiro de 1987, as mulheres sentaram-se juntas, demonstrando a intenção – posteriormente confirmada – de atuar em bloco, se não em todas as questões, ao menos nas diretamente relacionadas aos direitos da mulher e à eliminação das desigualdades entre os sexos. Uma foto⁸ publicada no jornal Correio Braziliense, edição de 2 de fevereiro de 1987, capturou o exato momento em que as deputadas, de mãos dadas e erguidas, celebravam, sorridentes, o início dos trabalhos da Constituinte. (SOUZA,2012. p. 4)

A origem do nome lidou com críticas pejorativas, mas, com o passar do tempo, Lobby do Batom foi aceito por seus integrantes. Já nas últimas décadas de 1900, o crescimento do movimento feminista e da reivindicação pelos direitos das mulheres culminaram, em 1985, com a criação do CNDM (Conselho Nacional dos Direitos da Mulher). Conforme (Marcos F.B.), a “Constituição brasileira foi a primeira a contar com a participação de uma mulher na Constituição de 1934”.

Carlota Pereira de Queiroz⁷ foi a representante de São Paulo, sendo a única mulher entre 214 deputados eleitos. A junção desse movimento não contava apenas com feministas, posto que uma grande parte de suas integrantes não eram da

⁶ Lobby do Batom tiveram 80% de suas reivindicações aprovadas.

⁷ Carlota Pereira de Queirós, (São Paulo, 13 de fevereiro de 1892- São Paulo, 14 de abril de 1982) foi uma médica, escritora, pedagoga e política brasileira. Foi a primeira mulher brasileira a ser eleita deputada federal. Ela participou dos trabalhos na Assembleia Nacional Constituinte, entre 1934 e 1935. O culpou o cargo até o Golpe de 1937, quando Getúlio Vargas fechou o Congresso.

causa, mas queriam contribuir para a expansão da participação feminina dentro da sociedade, mostrando que seus valores e sua própria existência eram capazes de somar no meio de que participavam. A luta por um lugar na Constituição acontece há muito tempo:

Na Constituição de 1824, lê-se que apenas os cidadãos ativos podem usufruir de direitos políticos. O texto fala em “cidadãos ativos”, não é? A origem dessa expressão dá pistas preciosas sobre o que os parlamentares pretendiam quando optaram por essa redação. Classificar os integrantes da cidade em cidadãos ativos e passivos era um procedimento típico da política francesa desde o final do século XVIII. Nele, mulheres (também crianças, loucos e outros) eram cidadãs passivas ou inativas, segundo o vocabulário jurídico brasileiro. Ela usufruíram de direitos civis – e por isso podiam receber herança-, mas não podiam exercer opinião sobre assuntos políticos. (MARQUES.2019. pág.29)

Com este raciocínio e comparação, o modelo francês, que serviu de inspiração para a Constituição brasileira, tolheu o voto feminino, e as mulheres brasileiras também não teriam o direito de votar. Em meio a essa luta revolucionária havia homens críticos e sensíveis que se mobilizaram ao acompanhar a luta das mulheres, ouviram suas críticas e suas soluções encontradas para a importante questão dos direitos na política. (MARQUES.2019)

Por outro lado, houve homens que não se importaram com as críticas contrárias referentes à posição das mulheres, e decidiram entrar na causa para ajudá-las. José Bonifácio de Andrada e Silva⁸ foi um deles, empenhando-se para tornar o Brasil independente de Portugal. Nas lutas políticas não agradou muita gente e acabou sendo afastado do seu país por 6 anos, levando consigo sua família. Mas retornou em 1829 e, em junho de 1831, retornou à vida política. Aliou-se a Manuel Alves Branco e, juntos, inspiraram-se em um projeto semelhante ao que havia sido discutido na assembleia francesa no início daquele mesmo ano. (MARQUES,2019).

O art. 3º do projeto propunha que as mulheres na situação de chefes da família (fossem viúvas ou separadas dos seus esposos) pudessem votar (MARQUES,2019. Pág.30). A primeira reforma na Carta Magna foi muito difícil e os movimentos não obtiveram muito sucesso, pois a formação de consciência de classe foi – e ainda é -, na sociedade capitalista, dificultada pelas “relações de alienação que a permeiam, pela ideologia dominante a ela associada, levando muitos indivíduos a naturalizar e, assim, não se rebelando, mas se acomodando”. (CISNE,2015)

⁸ José Bonifácio de Andrada e Silva (Santos, 13 de junho de 1763 — Niterói, 6 de abril de 1838) foi um naturalista, estadista e poeta luso-brasileiro, conhecido pelo epíteto de Patriarca da Independência por seu papel decisivo na Independência do Brasil.

Muito se tem falado sobre o conceito de lugar de fala e muitas polêmicas acerca do tema têm surgido. Fazendo o questionamento de quem tem direito à voz em uma sociedade que tem como norma a branquitude, a masculinidade e a heterossexualidade, o conceito se faz importante para desestabilizar as normas vigentes e trazer a importância de se pensar no rompimento de uma voz única, com o objetivo de propiciar uma multiplicidade de vozes. (RIBEIRO, 2017).

6 O DESTAQUE DE MARIA FIRMINA DOS REIS e o uso do pseudônimo no século XIX.

Considerando a época em que os escritores se disponibilizavam a escrever sobre o que acontecia no regime da escravatura, nota-se que muitos não usavam seus nomes originais, identificando-se através de pseudônimos para preservar sua identidade ou garantir sua própria segurança. Àquela época, era comum atribuir ao autor um nome fictício para prevenir ataques e represálias, ou mesmo por questões de liberdade, seja nos jornais, revistas, bilhetes, enquetes, entres outros meios de comunicação literária. O pseudônimo era usado por pessoas conceituadas do século XIX, porém não era permitido que elas escrevessem o que estava em seus pensamentos.

Segundo Álvaro Santos, na imprensa do século XIX, os colaboradores, quando não publicavam sob anonimato, preferiam assinar seus artigos com pseudônimos. Raro era o emprego do nome próprio. Em “O anônimo e o pseudônimo na literatura brasileira”, artigo recolhido em Horas de Leitura 11, Brito Broca interpretou o uso de pseudônimo como uma imposição da dignidade burguesa; homens graves, com sérias responsabilidades, de profissões respeitáveis como a medicina, a magistratura, a advocacia e a administração pública, não poderiam assinar com seu próprio nome versos, contos ou crônicas publicados nos jornais. (JUNIOR, 2006.p.2)

Segundo (JUNIOR,2006), o uso do pseudônimo “na imprensa não agradou muito o governo que, em 1897, enviou ao Congresso um projeto de lei que proibia tais práticas de anonimato”. No entanto, toda a sua disseminação no meio literário fez com que o cronista Olavo Bilac saísse em sua defesa, em apoio à utilização de nomes fictícios:

O uso do pseudônimo não quer dizer que o escritor não queira assumir a responsabilidade do que escreve todo o mundo sabe, por exemplo que Patrocínio e Proudhomme, é que Proudhomme é de um artista, há sempre a parte seria a que o escritor dá o seu verdadeiro nome e aparte leve, humorista que bem pode correr por conta de um pseudônimo transparente. (BILAC, 1897)

Como a apropriação de nomes fictícios tornou-se uma prática comum, Maria Firmina dos Reis teve inspirações para entrar nesse grupo de escritores anônimos ao redigir seus livros de romance. Essa literata usava o pseudônimo “*uma mulher maranhense*”, que era frequente entre as mulheres, que viam, no seu uso, a possibilidade de se esconder para não sofrerem ataques sociais. Reis já tinha um ponto de vista de como seria visto seu livro por alguns leitores, afirmando que “*mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor*”. (REIS, 2018)

Segundo, Régia Agostinho “Nesse sentido, Maria Firmina tinha clareza de que o lugar que ela tentava ocupar no mundo das letras era de difícil acesso para as mulheres. Pede desculpas, reconhece que, por ser mulher, sua tarefa era mais árdua, porque teria de enfrentar muitos obstáculos. Afinal, contrariando a morfologia do termo, no século XIX, a palavra era masculina, o que ficava para as mulheres era o silêncio”. (SILVA,2014 p.11)

Maria Firmina se destacou por dar voz ao negro em seus escritos românticos, enquanto outros autores, também da mesma época, falavam da escravidão de forma superficial. Com absoluta prioridade, Reis aprofundou seu olhar ao refletir sobre a vida desafortunada dos escravos no regime escravocrata, mas o que se esperava, na verdade, era que os homens letrados também se debruçassem sobre tal assunto, sem atenuar a condição degradante que a escravidão impôs aos cativos. Em razão disso, de Maria Firmina dos Reis se sobressaltou em todas as suas obras, durante toda a sua existência.

A luta psicológica dos personagens pela própria identidade supera as simples descrições de navios negreiros. A visão de Maria Firmina é bem mais ampla e refinada que em geral. Neste romance, ela escapa ao estereótipo da “mulata sensual” (como a Rita Baiana, de Aluísio Azevedo) como o principal ponto de interesse nos enredos sobre a raça negra. (MARTIN,1988, p.9)

Não foi levemente que a produção de Maria Firmina repercutiu com críticas de todos os lados, após sua descoberta por pesquisadores maranhenses, entre eles Antônio de Oliveira, Nascimento Moraes Filho⁹ e Sacramento Blacke. Eles foram os responsáveis por ressuscitar essa escritora, o primeiro, com sua voz baixa, como de seu gosto, e o segundo, com sua voz forte, a qual foi ouvida pelo país inteiro quando dele revelou seu então achado literário.

⁹ José Nascimento Moraes Filho é professor, poeta, jornalista e folclorista. Nasceu em São Luís do Maranhão no dia 15 de julho de 1922, participante do Modernismo em seu estado. Obra poética: Clamor da Hora Presente (1955), Pé de Conversa (1957), Um Punhado de Rima (1959) Evocação. Poetas.

Descobrimo-la, casualmente, em 1973, ao procurar nos bolorentos jornais do século XIX, na biblioteca, “Benedito Leite”, textos natalinos de autores maranhense para nossa obra “Esperando a Missa do Galo” [...] com surpreendentes informações, quase todas ratificadas por nossa pesquisa, Maria Firmina dos Reis, lida e aplaudida no seu tempo, foi como que por amnésia coletiva totalmente esquecida o nome e a obra! (BLAKE, 1970.p.21)

Conforme (MUZART. 2018.p34), “nos testemunhos, na literatura negra pioneira há essencialmente uma preocupação com a estética dos textos”, o que explica por que muitos textos foram esquecidos e negligenciados, dado que revelavam um tom de agravo pessoal frente às inúmeras injustiças sofridas. “São textos que traduzem uma experiência de marginalização e uma exclusão social”, Deve-se ter em mente, ao estudá-lo, que não cabe fazer julgamentos à estética, mas sim ao que o autor quer transmitir para o leitor, pois são obras dos primeiros desbravadores. Para (BLAKE,1970) “*ninguém mortaliza ou imortaliza uma obra*”.

O romance de Maria Firmina dos Reis é considerado o primeiro de autoria feminina no Brasil. Mas, na verdade, segundo (MUZART, 2018.p. 22), há outra autora: Ana Luísa de Azevedo Castro (1823- 1869), que Maria Firmina dos Reis (1825¹⁰-1917), teve, em 1858, a primazia de publicar sua narrativa em capítulos de *A Marmota*¹¹.

Com uma publicação no ano seguinte do seu romance inaugural, Reis passou a atuar em jornais locais com a publicação de textos poéticos na N'A Imprensa. Mesmo sendo reconhecida, seu primeiro poema, com um protetor de identidade, foi colocado com as iniciais M.F.R. Ela participou, ainda em 1861, da antologia poética Parnaso Maranhense, O Jardim das Maranhenses, publicando seu segundo trabalho, o conto “Gupeva”, que tinha uma temática indianista veiculada em forma de folhetim, uma prática daquela época.

Maria Firmina era uma mulher muito detalhista, que não deixava de observar as pequenas nuances da vida. Em suas obras, ela escreve sobre índios e natureza, faz uma apreciação do lugar onde viviam os escravos e, principalmente, da educação, sobre a qual tentou fazer uma pequena revolução, mas foi impedida. Em se tratando de sua produção, essa intelectual não deixou a desejar. Sua primeira obra foi Úrsula, publicada em 1859, na cidade de São Luís, com a autoria respondendo pelo pseudônimo “Uma Maranhense”, que traz uma abordagem sobre o cativeiro do ponto de vista do negro. Ao mesmo tempo, Reis retrata como viviam as mulheres.

¹⁰ O ano correto é 1822.

¹¹ Publicado no Rio de Janeiro, entre 13 de abril e 6 de julho de 1858.

“A autora, ou por modéstia ou temerosa da crítica, oculta-se no anonimato. Declara-se, no prefácio do livro, de pequeno cabedal nas letras para tão ousado empreendimento, sem convívio, ao menos, com homens letrados de quem pudesse receber conselhos. Era mulher e mulher do interior de uma província. Mesmo assim, dava_ a lume o fruto de sua imaginação, como a mãe matuta que enfeita o filho para com ele aparecer em público”. (ALMEIDA.1959.p.IV)

Destaca-se que Firmina foi a primeira mulher e escritora a dar voz aos negros em seus romances, mostrando que eles também possuíam sentimentos e que mereciam ter uma vida como qualquer outra pessoa, pois também foram criados por Deus. Por ser extremamente religiosa, a escritora se baseava nas escrituras Sagradas da Bíblia. Outra constatação é que o negro expressava seu pensamento e relatava o sofrimento vivido nas senzalas, tanto o individual quanto o familiar.

É plausível destacar que foi só após a descoberta de Maria Firmina dos Reis que começaram seus anos de fama. As notáveis contribuições que a intelectual trouxe para o meio literário tornaram-na conhecida em sua cidade e em outros estados, levando-a a participar de alguns jornais. Frisa-se que ela esteve ao lado de famosos literatos, como Gonsalves Dias (1823-1864), os irmãos Artur de Azevedo (1855-1908) e Aluísio de Azevedo (1857-1913); Joaquim de Souza Andrade (1833-1902), Sousândrade e Sotero dos Reis (1800-1871), que era seu primo paterno.

A partir de então, Maria Firmina dos Reis passa a colaborar sistematicamente na imprensa local com suas criações tendo maior destaque, entre outros textos os contos, Gupeva, de 1861-2, e A escrava, de 1887. [...] até encontrou na literatura uma forma de expressão estética mas sobre tudo, política. Até porque mesmo não tendo vivido sob a condição de cativa, assistiu de perto as mazelas da escravidão o que fica evidente em boa parte de seus trabalhos. (ZIN, 2016.p.17)

Com tantas publicações em um nível jamais visto, a carreira de Maria Firmina dos Reis emerge na imprensa, tornando-a colaboradora em um jornal da sua localidade com seus textos poéticos, divulgados no “*n’ A Imprensa*”. De acordo com (Rafael Balseiro, 2016.p 25), o seu segundo trabalho foi no “*Jornal das Maranhense*” com o conto “*Gupeva*”, cujo tema era indianista, veiculado em forma de folhetim, que era uma prática daquele período.

Seus textos tiveram uma boa aceitação em 1983, tanto que, no jornal “*Porto livre*”, o texto “*Gupeva*” foi republicado. Em 1865, Reis presenteia seu público leitor em diversos momentos, lançando novos poemas com um estilo modificado, porém sem significações no conteúdo. Suas obras rodam o meio letrado e chamam a atenção

dos eruditos da época, reverberando em todos os espaços. Com todo o seu sucesso, acredita-se que Firmina conquistou muitos leitores, o que a incentivou a lançar os poemas “*Cantos a beira-mar*” em São Luís, em 1871, e, no seu auge, “*n’ A Revista Maranhense*”, nº 3, além de novos poemas.

O século XIX foi marcado pela escravidão, mas também pela atitude de Maria Firmina dos Reis de não se calar diante das terríveis situações que assolavam aquele momento, denunciando, através dos seus escritos, todo o sofrimento do negro, os maus tratos infligidos sobre a mulher negra e o preconceito da raça e de classe. Reis foi a primeira autora negra a dar voz ao negro na sua literatura, em que contos e poesias passaram a relatar o que se sentia, na pele, com a escravidão e sua desumanidade.

A escrita de Maria Firmina era romântica, açucarada e religiosa. Ela rompeu com o preconceito e a discriminação para mostrar que as mulheres também são seres pensantes, capazes e corajosos, Reis teve que enfrentar a marginalização que massacrava as mulheres, que tinham medo de se expor perante a sociedade e seus maridos, pois a submissão era tudo que importava dentro da sociedade escravocrata. O conto “*ESCRAVA*”, por seu turno, foi escrito em 1887, meses antes do decreto da Lei Áurea.

Maria Firmina dos Reis deixou um legado que ficou marcado não apenas na história da sua cidade, mas no seu estado e no país, cujo reconhecimento foi levado a incontáveis lugares em que, de alguma forma, ouviu-se falar sobre “*Uma Maranhense*”. Não há registros fotográficos dessa brilhante intelectual, e não se sabe se as fotos divulgadas nas mídias correspondem, de fato, ao rosto dela. Diante de vários retratos e poucas certezas, esculpiu-se um busto em homenagem ao seu sesquicentenário nascimento, obra do artista plástico foi Flory Gama.

CONCLUSÃO

Este estudo abrangeu a influência de Maria Firmina dos Reis, um dos maiores expoente femininos e negros da literatura brasileira. Toda a sua trajetória foi marcada pela busca incessante de dar às mulheres seu lugar de fala, provando ao mundo que elas são seres pensantes através de obras literárias, que funcionavam como microfones nas concepções que a sociedade tinha a respeito. Ao relatar a história das mulheres escravizadas, ainda hoje Reis, em meio a tantas lutas travadas, quebrou o silêncio que reduzia esse público, fazendo com que ele saísse do comodismo.

Compreende-se que a literatura é uma forma de transcrever as vivências e apresentações do mundo ao seu redor. Maria Firmina pensava muito além de seu tempo e poderia exigir que a escrita para a nossa sociedade tem um lugar privilegiado escrever significa se colocar diante do mundo e comunicar-se com ele. Hoje não é tão burocrático uma mulher fazer parte do mundo literário, mas, no século em que Reis viveu, por exemplo, isso era quase impossível, pois os negros eram vistos unicamente como escravos e as mulheres, isentas de qualquer direito. Vale ressaltar que seu livro “Úrsula” traz críticas contundentes à condição perversa em que essas pessoas viviam, embora se trate de uma história romântica.

Constatou-se que, na literatura, os padrões são orientados pela cor, raça e classe social, e, ao estudar Maria Firmina e ver os subsídios que ela deixou, por se tratar de uma vanguarda, ainda é comum não ver sua história valorizada à altura e difundida na sociedade, o que faz com que muitos ainda a desconheçam. Qual a justificativa para que, desde o passado, muitas informações sobre a literata serem ocultadas? Porque ela não se encaixava nos padrões impostos pela sociedade: era mulher, negra, pobre e bastarda, com descendência escravista.

Na seara literária, as mulheres comumente não são distinguidas por serem negras, sofrendo com o machismo e a cor da pele há muitos séculos. Mesmo sendo descoberto que Maria Firmina foi a primeira romancista negra no Brasil, ela ainda é desconhecida por muitos jovens, visto que não alcançou a visibilidade e o crédito que merecia no contexto de que fazia parte. Reis, ao contrário de muitos autores, fez uma narração da escravidão fidedigna à realidade da sua época, muito profunda e comovente, sobretudo por narrar acontecimentos experimentados por ela.

Considerando todos os acontecimentos contidos no início desta pesquisa, pode-se dizer que Maria Firmina estava rodeada mulheres que comungavam o mesmo objetivo: serem respeitadas e ouvidas pela sociedade. Concomitantemente ou não, imensuráveis mudanças já aconteciam dentro e fora do Brasil e, em cada um desses lugares, muitas mulheres se transformaram em Marias Firminas para que pudessem sobreviver aos ataques, denunciar as opressões e se impor.

Por fim, vale lembrar que não é apenas a história que se interessa pela vida e obra de Maria Firmina. Várias áreas de conhecimento têm abordado a literata de forma interdisciplinar, no esforço de fazer com que mais jovens conheçam a autora maranhense através de suas obras literárias, como Úrsula, Gupeva, etc. E, para quem busca um olhar de como se iniciou o feminismo, Reis é um dos grandes exemplos de

como tudo começou e impulsionou o movimento em uma época em que a escravidão rechaçava o país. Na medida em que forem se encontrando nas leituras e com a escrita vão pouco a pouco se descobrindo.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. **Eu sei porque o pássaro canta gaiola**/ Maya Angelou: tradução de Regine Winarski. – Bauru, SP: Astral Cultural, 2018.

ALMEIDA, Horácio de. **Prólogo. Úrsula. Edição fac-símile**. São Luiz: Governo do Maranhão, 1975, p. III-VIII.

BLAKE, Augusto Victorino Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro**. Edição Fac-símile, Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1970, v. VI, p. 232.

BENEDITO, Lúcia Vera. **Literatura negro-brasileira**/Cutí- São Paulo: Selo Negro, 2010. - (coleção consciência em debate/ coordenada por Vera Lúcia Benedito).

BILAC, O. **Crônica**. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 1, 2. col., 25 jul. 1897.

Citada no artigo “**Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira**”, de Helô D’Angelo, na revista Cult, 13/11/2017)

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil** [livro eletrônico] / Mirla Cisne- São Paulo: CORTEZ, 2015.

Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes. Propostas redigidas durante o Encontro Nacional do CNDM (Conselho Nacional dos Direitos da Mulher), em 26 de agosto de 1986, e encaminhadas aos Senhores Constituintes.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX**: dicionário ilustrado/ Constância Lima Duarte. -1. ed.;1. Reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D’agua**. Conceição Evaristo. Pallas Editora, 17 de mai. de 2016 - 116 páginas.

FILHO, Morais Nascimento José. **Fragmentos de uma vida**, Rio de Janeiro, São Luís: COCSN, 2ª ed. 1871.

FREYRRE, Gilberto, 1900-1987. **Casa-Grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal/** Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. - 51ª ed. Ver.- São Paulo Global, 2006. - (introdução à história d sociedade patriarcal no Brasil; 1).

HOOKS, bell **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo/** bell hooks,; tradução Bhuvan Libanio.- 6ª ed.- Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **O voto feminino o Brasil/** Teresa Cristina de Novaes Marques-2 ed.- Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

MONTELLO, Josué. **A primeira romancista brasileira.** – Rio de Janeiro, Malê, 2018.

MARTIN, Charles. **Uma rara visão de liberdade.** In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*.3

RIBEIRO, Djamila. **Que é: lugar de fala?** / Djamila Ribeiro. -- Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.112 p.; 15,9 cm. (Feminismos Plurais)

REIS, Maria Firmina dos, Úrsula: romance; **A escrava: conto/ Maria Firmina dos Reis.** 7 ed. Belo Horizonte: editora PUC Minas, 2018.

_____, **Contos a beira-mar e Gupeva/**_____ 1ª ed. Atualizada conforme o acordo Ortografico da língua Portuguesa em vigor- São Luís; Academia Ludovicense Letras, 2017.

ROSA, Grazieli Rinaldi da. **Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”:** contradições na filosofia de educação nisiana. 2012. 353 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

SOUZA, Fabiani Barbosa Marcius. **A participação das mulheres na elaboração da Constituição de 1988.** Marcius Fabiani Barbosa de Souza é Bacharel em Letras-Tradução pela Universidade de Brasília (UnB). É Consultor Legislativo do Senado Federal, núcleo de pronunciamentos.

SANTOS, Simões, Junior, Álvaro. **DA LITERATURA AO JORNALISMO: PERIÓDICOS BRASILEIROS DO SÉCULO XIX.** – Doutor do Departamento de Literatura – FCL – UNESP/Assis Álvaro Santos Simões Junior. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.2, n.2, 2006 p. 134.

SILVA. Régia, Agostinho. **“A MENTE, ESSA NINGUÉM PODE ESCRAVIZAR”:** **MARIA FIRMINA DOS REIS E A ESCRITA FEITA POR MULHERES NO MARANHÃO.** Régia Agostinho da Silva. (Doutoranda em História pela USP e professora da Universidade Federal do Maranhão. 2014, p.19)

_____**Letras e Veredas da História: diálogos e convivências.** /_____,
Marcus Vinícios Baccaga (organizadores). – São Luís: Café & Lápis; Edufma, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz Lima; Barreto: **triste visionário** / Lilia Moritz Schwarcz. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017. ISBN 978 -85 -359 -2913 -3. 1. Barreto, Lima, 1881-1922 – Crítica e interpretação 2. Escritores brasileiros – Biografia I. Título.

VASCONCELOS, Vania Maria Ferreira. **No colo das Iabás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas.** (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Literatura. Universidade de Brasília.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos Direitos da Mulher.** Ed. 1ª. 1792. Londres.

ZIN, Balseiro, Rafael. **Maria Firmina dos Reis: A trajetória intelectual de uma afrodescendente no Brasil oitocentista.** Tese (Mestrado em Ciências sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Faculdade de Ciências Sociais. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. São Paulo, p.100.2016.